

INTERFACES DA VIDA: CAMPO, SONHO E NATUREZA NA OBRA DE GUIMARÃES ROSA.

Ceres de Moraes Gomes Lima - Seduc – MT

ceres_moraes@hotmail.com

Resumo: O objetivo do trabalho é mostrar a relação dos temas da obra Roseana com o interior brasileiro, com o sertão, o homem do campo, e que legado há na literatura brasileira para ser trabalhado na relação Literatura, Natureza, Cultura e Ambiente.

O conto estudado é da obra Primeiras Estórias especificam “As Margens da Alegria”, o personagem um menino, que passa por várias experiências, que marcam sua vida. O conto mostra passagens, que retratam momentos vividos pelo personagem central, nesse processo é feita a leitura dos fatos acontecidos, retrata que a questão ambiental no Brasil de muito tempo, e que há a possibilidade de naquele momento da escritura do conto, o autor está fazendo uma denúncia. Para a leitura de Rosa, fizeram-se referências teóricas de autores como Bakhtin, Bystrina, Fiorin, Boff, um diálogo breve com as correntes distintas.

Palavra chave: menino, campo, realidade.

Abstrac: The paper aims to show the relationship of the themes of the work Roseana the Brazilian interior, with the hinterland, with the man of the field, and that legacy is in the Brazilian literature to be worked on making the relationship literature, nature, culture and environment. The tale of the work is studied Primeiras, specifically "The margins of Joy" as a character who has a boy who leaves the city and will spend some days in the field and passes through several experiences that have marked his life. The boy has no name, is the boy, representation of childhood, children, and every child that is inside every human being, whether man or woman. So the margins of joy transmits magic, reality and dream. Thus shows the passages of the tale that portray moments experienced by the central character and secondary, and this process is done reading the events that took place, showing that the environmental question in Brazil has been a long time, and also there is a possibility at the time of writing the story, the author is making a complaint could, as in certain passages it is clear. To do this reading of the work of Rosa was made by theoretical references of authors such as Bakhtin, Bystrina, Fiorin, Slater, Smith and Boff, a brief dialogue with the different currents.

Keyword: boy, field, reality

O presente trabalho tem como objetivo um estudo sobre um dos momentos da obra do escritor João Guimarães Rosa, uma leitura feita sobre Primeiras Estórias, especificamente o conto de abertura, “As margens da alegria”.

Primeiras Estórias nos reportam em primeiro lugar o olhar ao novo, ao começo, ao sonho, ao despertar, conta a estória. “ESTA É A ESTÓRIA”... Como ela é, nos leva também às nossas raízes, ao começo de tudo, ao início, ao avesso, em contraposição ao fim, nos eterniza, é como se as portas do mundo se abrissem para o leitor, e visualizasse uma nova vida, o que nos induz aos vários olhares, praticamente nos convida a viajar com ele pelo mundo mágico das palavras. Tem toda uma grandeza, o que vem de fora para dentro, cabe um olhar ao nosso interior, o olhar a nos mesmos. ,

Igual a Primeiras Estórias, assim é a leitura de as Margens da Alegria.

O conto enquanto estrutura faz parte de uma coletânea da Obra Primeiras Estórias, de João Guimarães Rosa, publicado em meados do século passado, cujo gênero é o conto, o conto curto, foco único, faz abordagem a uma temática familiar de um menino que vai passar uns dias no campo, a personagem central é o menino. Também de caráter fantástico e psicológico, o conto transita entre o popular e erudito, chegando a dialogar por vezes. Quanto ao espaço é o campo, geograficamente identificado pelos elementos constituintes do cenário, e o tempo indeterminado.

O espaço de Guimarães é o sertão, o interior do Brasil e esse sertão é o mundo, o mundo universalizado pelo comportamento humano, atitudes, pelos tipos, desejos, sonhos e desafios do homem.

O conto as margens da alegria tem como personagem de referência o menino, o menino como representação de todos os meninos na sua idade. Representação do próprio homem, e criança que todos trazem dentro de si. Em alguns momentos representa a voz do mundo.

O trabalho perpassa em eixos como: - O tempo de apreciação do menino uma vez que é convidado a passear de Jipe com o tio. - Encanta-se por uma ave vista, um peru, em determinado momento descobre que o mataram, chega a ver outro no quintal que não o visto.- A admiração do menino pela realidade do campo e a derrubada de uma árvore. O impacto desses três fenômenos é que figuram o diálogo do menino com o mundo e o sonho. São as Interfaces de uma realidade do campo que compõe essa imagem, diálogo do menino com o mundo, as contradições, e o sonho.

“A apreensão do mundo é sempre situado historicamente, porque o sujeito está sempre em relação com o outro (s).O sujeito vai constituindo-se discursivamente, apreendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas. Como a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. Portanto o sujeito é constitutivamente dialógico. Seu mundo interior é constituído de diferentes vozes em relações de concordância ou discordância.P55.

A performance do conto é: Era uma viagem inventada no feliz. Para a criança toda viagem é cheia de expectativa, ela sempre pensa em seu mundo, o que vem de novo, tudo saltiteia para o imaginário, é um tempo mágico, tempo esse que perpassa as idéias da infância.

Acompanhado da figura paterna, materna, tio, tia para o menino cada um lhe era muito peculiar. Guimarães Rosa retrata essa peculiaridade ao citar pontualmente as palavras “Pai” “Mãe” “Tio” “Tia”. A magia. Fugir para o espaço em branco, para o menino significaria a ida para um

mundo novo, para o desconhecido, onde tudo era mágico, movimentos concordantes do avião eram como se estes ondulassem o corpo do menino valsando, uma valsa que só as crianças em sua mais tenra pureza podem sentir, é como se tivesse na lembrança brincando de aviãozinho de papel: movimentos do avião. De longe a visão das roças e campos, o verde se ia a amarelos, e vermelhos e a pardos e a verde, do alto o menino tem a visão de um outro universo, o sertão de Guimarães Rosa, tão bem retratado em seus contos. É nessa dinâmica das cores que o menino também se sentia sobrevoando, dando asas ao imaginário. Foi um tempo que não viu, apenas sentiu talvez o mais doce dos sentimentos, o sonho. Tinha já como prenúncio, tudo que o tio lhe prometera, quanto aos brinquedos e passeios da vida no campo.

As figuras tradicionais da cultura do campo, iam sendo assimiladas pelo menino, a casa de madeira, sobre estações penetrando na mata, morada pequena, breve clareira das árvores, altas cipós, orquidezinhas amarelas, tudo isso enchiam os sentidos e dinamizavam num mundo de magia que vivia o menino, o imaginário fluía e ele via o índio, a onça, lobos, caçadores, o campo como um lugar mágico, de perigos, mas também de canto de alegria, som, saudades, liberdade, o que faz o menino relacionar o mundo urbano com o canto dos pássaros.-“ Aqueles passarinhos bebiam cachaça?” É uma referência do mundo urbano, do cotidiano familiar, ou mesmo de pessoa mais próxima, pois ao escutar o canto dos pássaros que não lhes eram comum, o menino fez a relação.

Ivan Bystrina diz “que no centro da cultura humana situam-se os textos imaginativos e criativos: são eles os únicos capazes de superar nosso medo existencial, são eles que vencem a morte afirmando a vida”.

Ao avistar o peru no terreiro, entre a casa e as árvores da mata, o menino devota toda uma atenção e sentidos para aquela ave vestindo-a de significados. Observa-se a passagem do texto: “- Senhor! Quando avistou o peru, no centro do terreiro, entre a casa e as árvores da mata. O peru imperial, dava-lhe as costas, para receber sua admiração. Estalara a cauda, e se entufou, fazendo roda: o rapar das asas no chão – brusco, rijo, - se proclamara. Grugrulejou, sacudindo o abotoado grosso de bagas rubras; e a cabeça laivos de um azul claro, raro, de céu e sanhaços; e ele completo, torneado, redondoso, todo em esferas e planos com reflexos de verdes metais em azul e preto” – o peru sempre. Belo, belo! Tinha qualquer coisa de calor poder e flor, um transbordamento”.

Sua ríspida grandeza tonitruante. Sua colorida empáfia. Satisfazia os olhos, era de se tanger trombeta. Colérico, encachiado, andando, gruziou outro gluglu. O que parece ter remetido o menino para fora, para o mundo exterior sua atenção voltou-se toda para a ave, essa realidade exterior impediu o menino de centrar-se ao seu redor e ver algo mais, afastando-se de seus

interesses que era o passeio anteriormente descrito pelo autor com todas as belezas naturais do campo, foi assim ofuscado pelo falso brilho do que estava a sua frente, tão real, o peru, palpável, concreto, no jogo das palavras escritas por Guimarães Rosa, personagem, autor e leitor se confundem de forma quase mágica, envolto a todo um contexto de contemplação imaginário, o menino riu, com todo o coração. Mas só bis-viu. Já o chamavam, para o passeio.”

O peru representou para o menino todo o poder naquele pequeno pedaço de chão, o centro das atenções, uma ave imponente com ares de poder e vaidade, e ao mesmo tempo senhora cheia de si, indiferente ao mundo, contraditoriamente pronto para ser apreciado, levando-o assim ao mundo dos sentidos, deixando-o de “coração aberto”, aquele encontro seria para sempre, e selaria com o menino o encontro com o mundo do desconhecido. O autor reforça esse momento quando fala: - o peru para sempre. Dois polos se fazem presentes na narração, um identificado como o real exterior e real interior. O narrador joga com a existência dessas duas realidades, utiliza-se da existência do personagem que não tem nome, o leitor e ambos confundem-se na compreensão dessas realidades.

Portanto, fica bem claro que a personagem vive com muita intensidade essas duas realidades.

Evidencia-se aqui um índice da obra *Roseana*: que é uma passagem com traços surrealistas, uma vez que Rosa vem de um momento de rompimento com os esquemas narrativos tradicionais nos anos 30 e instaura um novo processo romanesco, o que também poderia nos dar o indicio de qual a relação de Guimarães Rosa com o movimento surrealista?

Para o “Surrealismo é necessário, pois, libertar o homem das limitações de uma existência meramente utilitária e, mais que isso, é preciso que todos e cada um dos recursos que o ser humano, qualquer ser humano, possa encontrar dentro e fora de si, constituindo o círculo de sua “realidade”, sejam mobilizados. p 3.

Na cultura camponesa está respaldada todas as figuras do imaginário do menino, a liberdade, a individualidade.

Num tempo subsequente o menino Ia de Jipe ao Sítio Ipê, acompanhado do tio, nesse percurso: “O menino repetia-se em seu intimo o nome de cada coisa.” “A poeira alvissareira. A malva-do-campo, os lentiscos. O velame-branco de pelúcia. A cobra-verde, atravessando a estrada. A arnica: em candelabros pálidos. A aparição angélica dos papagaios. As pitangas e seu pingar. O veado campeiro: o rabo branco. As flores em popa arroxeadas da canela de ema. Cada coisa ia sendo assimilada pelo menino, cada coisa a seu tempo, pois no intimo ele repetia a ele mesmo como bem diz Guimarães Rosa, o nome de cada coisa...ia apreendendo e aprendendo; o que nos

retrata um momento do processo cognitivo da aprendizagem, ele mesmo ia desenvolvendo-se pelas operações mentais, ia tendo uma percepção de mundo.

Na organização do texto observa-se que o autor trabalhou cada palavra, cada ser com sua função, como se mostrasse e conceituasse a missão de cada um naquele espaço. A poeira Alvissareira... a marca e a identificação da própria poeira como, o que vai longe....o que não se ver....o infinito...a lembrança...o que promete; vale salientar que todos os elementos citados representam um conjunto da natureza, ele começa pelo elemento terra, que Leonardo Boff descreve tão bem quando diz:

“O resgate do sagrado. Uma dimensão sine qua non para inaugurar uma nova aliança com a Terra reside no resgate da dimensão do sagrado. Sem o sagrado, a afirmação da dignidade da Terra e do limite a ser imposto ao nosso desejo de exploração de suas potencialidades permanece uma retórica sem efeito. O sagrado constitui uma experiência fundadora. É ele que subjaz às grandes experiências sobre as quais se construíram as culturas no passado e a própria identidade profunda do ser humano.”P 179.

O sagrado aqui entendido como qualidade, Uma qualidade das coisas e nas coisas, que de forma compreensiva nos toma totalmente, nos fascina, fala ao profundo do nosso ser e nos induz ao respeito, ao mundo, e ao outro. O telúrico quando cita a poeira, em seguida vem com elementos vivos, o ser humano representado pela figura do tio, que aproveitava e explicava alguma coisa, terminando pela mistificação do espaço e pela água, é como se emergisse um processo de construção do conhecimento, o autor diz que todas as coisas surgiram do opaco, como se uma luz interior brotasse das trevas, ele embevecia-se de toda essa paisagem, que deixava naquele momento de ser uma paisagem, e passava a ser algo inédito vivido pelos sentidos.

O menino conseguiu remeter tudo aquilo a uma visão de conceitos para comparar as coisas. “Todas as coisas surgidas do opaco. Sustentava-se delas sua incessante alegria, sob espécie sonhosa, bebida, em novos aumentos de amor. E em sua memória ficavam, no perfeito puro, castelos já armados. Tudo, para a seu tempo ser dadamente descoberto, fizera-se primeiro estranho e desconhecido. Ele estava nos ares”. Assim o menino dá um sentido ao mundo, a partir de tudo aquilo que ele viu, uma primeira leitura de mundo (letramento) processo de aprendizagem, do menino em cada momento vivenciado. A poeira, a malva, o velame, ele mesmo dando forma, significado e formando idéia. O menino capta uma outra dimensão.

“...a obra de Guimarães Rosa é um constante desafio à narração convencional porque seus processos mais constantes pertencem às esferas do lúdico e do mítico. Para compreendê-la em toda sua riqueza é preciso repensar essas dimensões da cultura, não in abstrato, mas tal como se articulam no mundo da linguagem”.p14

Todas as coisas surgidas do opaco ser, seja do imaginário fértil do menino. Observa-se que esse campo bem definido por Guimarães Rosa é a representação universal de todo o campo, pois o grande sol daqui descrito por Rosa sai do macrocosmo para chegar ao lugar do microcosmo por ele desejado, pensado, quando ele diz paisagem de grande largura se referindo ao universo, e vai para a beira do “Corguinho” mostrando o lugar de onde fala, sertão brasileiro? Floresta? Serrado? Mata? Pantanal? Caatinga? castelo armado , conhecimento construído pelo menino naquele passeio de campo.

“O imaginário como derivação da cultura, sempre ativa e dinâmica, e assim pode-se afirmar que através do imaginário a imaginação é essencialmente aberta, pronta a construir uma prodigalidade sem fim de relações e ações sociais dentro do contexto dos temas ambientais entrelaçados a qualquer outra área do conhecimento,por acreditar que essas contribuem para o deslindamento e compreensão dessa problemática, uma vez que todas as linguagens trabalhadas pela escola configuram uma natureza interdisciplinar com as demais áreas e propicia a materialização do pensamento e da forma”. P- 60

Mas, uma imagem reforçava a curiosidade infantil, era a imponente imagem do peru... “Só um pouco, para não gastar fora de hora o quente daquela lembrança, do mais importante, que estava guardando para ele, no terreirinho das árvores bravas.” O menino queria ter a mesma sensação de antes, é como se aquele momento de contemplação do belo e a felicidade fosse só dele, uma representação do egoísmo infantil, o não reconhecimento do outro, mas dele mesmo.

No momento participava da reunião em família para o almoço. “Mal comeu os doces, a marmelada da terra, que se cortava bonita, o perfume em açúcar, a carne em flor. Saiu, sôfrego de o rever.” A mata era tão feia de altura. E – onde? Só umas penas, restos, no chão. – “Ué, se matou. Amanhã não é o dia- de –anos do Doutor? Tudo perdia a eternidade e a certeza; num lufo, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam. Como podiam? Se reporta a decepção, a mágoa, é como se tivessem roubado, a lembrança como ele mesmo pensou, que estava guardando só para ele, ao sentimento de perda do menino, primeira estória, para o autor contada, para o leitor lida, para o menino vivida, a primeira perda, o vazio, o imprevisível, o campo que era belo e luminoso , agora mata feia, lugar de desafios., injustiça, o campo por muito tempo deixado as margens, sacrifica-se a ave em detrimento dos anos do Doutor, que adentrando para o imaginário infantil, tão nobre e linda

ave. Assim , como por muito tempo foi roubada a dignidade , os direitos da sociedade camponesa. O campo como espaço, perda, luta, e sacrifício.

O menino é levado para conhecer o grande lago.

Para mostrar a depredação da natureza. Convivendo ao mesmo tempo com as duas realidades apresentadas, a exterior mediante tudo que ele detectou e detectava no passeio e a que ficou marcada em seu interior. Um diálogo consigo mesmo.....O menino pensava e não queria pensar...Primeira estória, tão bem contada pelo autor...Primeiro conflito, primeira angústia, o menino em sua pequenez não sabia o que sentia...E em seu monólogo interior pensava, Teria vergonha de falar do peru. Talvez não devesse, não fosse direito, ter por causa dele aquele doer, que põe e punge, de dó, desgosto e desengano.

“E como se por ironia do destino, vivendo seus pensamentos o chamaram para conhecer o lugar onde seria a grande cidade...” Vamos aonde a grande cidade vai ser, o lago...” ali é como se fechasse um ciclo e outro começasse.

O menino sentia-se cansado.

“Mal podia com o que agora lhe mostravam, na circunstriteza: o um horizonte, o velame do campo apenas uma planta desbotada, o encantamento morto e sem pássaros, o ar cheio de poeira. Sua fadiga, de impedida emoção, formava um medo secreto: descobria o possível de outras adversidade, no mundo maquinal, no hostil espaço; e que entre o contentamento e a desilusão, na balança infidelíssima, quase nada medeia. Abaixava a cabecinha.”

Ali fabricava-se o grande chão do aeroporto – transitavam no extenso as compressoras, caçambas, cilindros, o carneiro socando com seus dentes de pilões, as betumadoras. E como haviam cortado lá o mato? - a Tia perguntou. Mostraram-lhe a derrubadora, que havia também: com à frente uma lâmina espessa, feito limpa trilhos, à espécie de machado. Queria ver? Indicou-se uma árvore : simples, sem nem notável aspecto, à orla da área matagal. O homenzinho tratorista tinha um toco de cigarro na boca. A coisa pôs-se em movimento. Reta até devagar. A árvore de poucos galhos no alto, fresca, de casca clara... e foi só o chofre: ruh...sobre o instante ela para lá se caiu, toda, toda. Trapeara tão bela. Sem nem poder apanhar com os olhos o acerto – o inaudito choque – o pulso da pancada. O Menino fez ascas. Olhou o céu - atônito de azul. Ele tremia. A árvore que morrera tanto. A limpa esguiez do tronco e o marulho imediato e final de seus ramos - da parte de nada. Guardou dentro da pedra”.

Guimarães Rosa através do personagem retrata já naquela metade de século XX, e tão maravilhosamente nos chama atenção para o processo de destruição da natureza em prol de uma

política desenvolvimentista. O olhar do menino se contrapõe ao não olhar do homem, quando ele – “ baixa a cabecinha”....como se demonstrasse o sentimento de impotência, a metáfora de como é pequeno o pensamento humano...” o homenzinho tratorista “, como é pequena a sua relação com o meio.

Para Leonardo Boff

“O estado do mundo está ligado ao estado de nossa mente. Se o mundo está doente é indicio de que nossa psique também está doente. Há agressões contra a natureza e vontade de dominação porque dentro do ser humano funcionam visões, arquétipos, emoções que levam a exclusões e a violências. Existe uma ecologia interior bem como uma ecologia exterior que se condicionam mutuamente. O universo das relações para com as coisas é internalizado, como a referência ao pai, á mãe, ao meio ambiente.”. P 22

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se em Primeiras Histórias, especificamente em as margens da alegria toda uma saga vivida pelo menino, que passa a vivenciar duas realidades distintas cidade versus campo e que tão bem ele expressa, apesar de tão pouca idade que parece ter. O menino estava desiludido e nem queria dar as boas vindas ao novo e nem despertar sua curiosidade diante da novidade que o tio lhe estava mostrando. Dentro de si questionava, as adversidades, o ambiente hostil, a desilusão sentida ao ver o que antes era um campo, ser destruído com a terraplanagem para a construção de um aeroporto, relata que haviam caminhões de cascalhos, vagas árvores e um rebeirão de águas cinzentas provavelmente pela poluição causada pela terraplanagem. E que entre o comportamento do homem e a desilusão que ele estava sentindo não havia como dosar a felicidade do tio (não havia como ele entender a animação do tio em mostrar tudo aquilo).

Antes que ele pudesse pensar em não ver mais, o tio o apresenta a escavadeira. Sua frustração aumenta quando o trator atropela uma árvore de poucos galhos no alto, fresca, com um só golpe a árvore não resiste e vêm ao chão; ao cair ele não sabe se é bonito ver ela cair “toda, toda” ou usando da elegância e “tão bela” ou se fica atônito vê-se que ele fica confuso com seu jogo de pensamento com o som da queda da árvore.

Fica evidente que o conto As margens da alegria, parte de um lugar o campo, um tempo e envolve personagens diversos envolvidos em uma cultura, apenas um desses personagens é sujeito que vai se construindo em uma perspectiva humana como se fosse ele o autor de uma denúncia em relação ao ao ambiente. Para além da escrita do conto, Guimarães Rosa os deixa o legado do olhar

atento, cuidadoso a toda natureza, a nossa mãe terra e a toda espécie de vida que nela há.

REFERENCIAS

BOFF, Leonardo. *Ecologia Grito da Terra, grito dos pobres/ Leonardo Boff – 2ª Edição, São Paulo. Ed. Ática, 1996.*

FIORIN, José Luiz & SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto/Leitura e Redação/ Platão&Fiorin – São Paulo: Editora Ática, 1995.*

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao Pensamento de Bakhtin/José Luiz Fiorin – São Paulo: Ática, 2008. 144p. Inclui bibliografia comentada. 1. BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch, 1895-1975. Linguagem e línguas – Filosofia. 3. Análise do discurso. 4. Análise do diálogo. 5. Intertextualidade. I. Título.*

MARTINS, Lêda Terezinha & CASTRO, Maria Lília Dias de, *Semiótica e discurso/ Lêda Terezinha Martins e Maria Célia Dias de Castro – São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1998. 148p. (Cadernos de Comunicação 4)*

ROSA, João Guimarães, 1908-1967. *Primeiras histórias/João Guimarães Rosa – Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Edições anteriores pela Livraria José Olympio Editora.*

SIMÕES, Irene Gilberto & ROSA, João Guimarães: *As paragens mágicas/Irene Gilberto Simões & João Guimarães Rosa – São Paulo: Editora Perspectiva.*

SOARES, Magda; *Letramento: um tema em três gêneros/Magda Soares - Belo Horizonte: Autêntica,1998. 125p. Linguagem & Educação.*